



**EDUCAÇÃO DOS, PARA E PELOS TRABALHADORES:
O JORNAL OPERÁRIO “O NOSSO VERBO”
COMO FONTE PARA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO POPULAR (1918-1921)**

Francisco Furtado Gomes Riet Vargas*
Rita de Cássia Grecco dos Santos**

RESUMO

Este trabalho apresenta a análise do jornal operário “O Nosso Verbo” para o entendimento do pensamento e da ação dos anarquistas na educação. Para tal intento, recorre-se a autores que analisaram a imprensa, como Tânia Luca, Jorge Jardim e Eliana Xerri. Ainda, apoia-se em Silvio Gallo para a compreensão do pensamento anarquista sobre a educação. Far-se-á análise da materialidade deste jornal e seu conteúdo, de forma a contextualizá-lo. Objetiva-se mensurar a riqueza desse material para o estudo da História da Educação Libertária, suas particularidades e generalidades.

Palavras-chave: História da Educação; Educação Libertária; Anarquismo; Movimento Operário.

EDUCATION TO, FOR AND BY THE WORKERS:
THE WORKING JOURNAL “O NOSSO VERBO”
AS A RESEARCH SOURCE TO HISTORY OF POPULAR EDUCATION (1918-1921)

ABSTRACT

This paper presents the analysis of the newspaper “O Nosso Verbo” for the understanding of the thought and action of the anarchists in education. For this purpose authors are used that analyzed the press, such as Tânia Luca, Jorge Jardim and Eliana Xerri. Still it rests in Silvio Gallo for the understanding of the anarchist thought on the education. An analysis of the materiality of this journal and its contents will be made, in order to contextualize it. Objective is to measure the richness of this material for the study of the History of Libertarian Education, its particularities and generalities.

Keywords: History of Education; Libertarian Education; Anarchism; Work’s Movement.

* Bacharel e Licenciado em História (FURG), Mestre em Educação, linha de História e Filosofia da Educação (UFPEL), professor da rede estadual do RS e da rede municipal de Rio Grande. Atualmente, vice-diretor na E.T.E. Getúlio Vargas, Rio Grande, RS, Brasil. E-mail: chicaoov@yahoo.com.br

** Socióloga e Pedagoga, Doutora em Educação. Professora no Instituto de Educação – IE e no Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Ciências Humanas e da Informação da Universidade Federal do Rio Grande, RS, Brasil. E-mail: ritagrecco@yahoo.com.br

EDUCAÇÃO DE, PARA Y POR LOS TRABAJADORES:
LO PERIODICO OBRERO “O NOSSO VERBO”
COMO FUENTE DE LA HISTORIA DE LA EDUCACIÓN POPULAR (1918-1921)

RESUMEN

Este trabajo presenta el análisis del periódico de los trabajadores “O Nosso Verbo” para comprender el pensamiento y la acción de los anarquistas en la educación. Para esto, se utilizan autores que analizaron la prensa, como Tânia Luca, Jorge Jardim y Eliana Xerri. Todavía depende de Silvio Gallo para la comprensión del pensamiento anarquista sobre la educación. Se analizará la materialidad de este periódico y su contenido para contextualizarlo. El objetivo es medir la riqueza de este material para el estudio de la Historia de la Educación Libertaria, sus particularidades y generalidades.

Palabras clave: Historia de la educación; Educación libertaria; Anarquismo; Movimiento obrero.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Escrevemos este texto com a intenção de mostrar uma fonte em que é possível encontrar-se os debates da História da Educação Popular, mais especificamente a Educação Libertária, na cidade do Rio Grande, no Rio Grande do Sul durante a 1ª República. Entendemos educação popular, conforme diz o título, a educação de, para e pelos trabalhadores. Por isso, daremos ênfase às discussões constantes pelos trabalhadores acerca do tema.

Neste sentido, propomo-nos a mostrar uma das fontes para um estudo da História Social da Educação, entendendo essa como uma História das classes e de seus pensamentos (BARROS, 2005, p.97), mais especificamente uma História da Ideias e Movimento Pedagógicos. Dessa forma, essa História Social da Educação congrega, também, elementos da História Cultural e Política, ao trabalhar com formação de consciência de classe. A História Política em que nos apoiamos é a do pensamento e das ações políticas de classe, do pensamento sobre as construções que levam os homens e mulheres a acreditar em algo, “pautando a ação e a percepção da realidade” (PESAVENTO, 2004, p.75). Sendo assim, não nos limitamos a uma análise tradicional, apenas observando a educação libertária sobre um viés político e institucional (GALVÃO, 2001, p.51), buscamos, também, observar o cotidiano e a aplicação prática das ideias anarquistas na educação através desse periódico. Além de fazer apenas uma História do ensino, buscamos a História da leitura desses operários e seus filhos, observando esse jornal como parte do seu cotidiano e como um de seus porta-vozes, mostrando seus anseios e frustrações com a sua própria educação, bem como de suas crianças.

Consideramos que o termo mais apropriado do que buscamos é a “educação em amplo sentido”, em que focamos não só na educação escolar proposta pelos anarquistas, mas também nas suas atuações para a formação de uma consciência de classe libertária na cidade de Rio Grande. Dessa forma, compreendemos por educação em amplo sentido, para esse trabalho, todo o processo que aponte um acréscimo na formação de um ser humano, uma extensão compreensão da realidade e maior capacidade de se situar no mundo para transformá-lo. Assim sendo, ponderamos como parte de um processo educativo não só a formalidade da sala de aula, mas também processos informais de educação como a leitura, as discussões políticas ocorridas nos vários espaços sociais, peças de teatro que levam o indivíduo a refletir o seu universo e o seu aprendizado que se tem no cotidiano das lides, entre outros (GALLO, 1995b, p.67-68; GALLO; MORAES, 2005, p.89).

Cabe ressaltarmos que os estudos sobre educação libertária no Rio Grande do Sul são escassos e suas fontes pouco trabalhadas. Porém, existem alguns estudos como os de Norma Corrêa sobre educação libertária no Rio Grande do Sul merecem atenção especial devido à sua análise sobre o funcionamento das escolas libertárias no Rio Grande do Sul. Porém, tal obra se autocritica na sua análise sobre Rio Grande, tendo em vista a autora não ter estudado o período de hegemonia libertária, conforme ela seria nas primeiras décadas do século XX (CORRÊA, 1987, p.128). De acordo com nossa observação, esse período hegemônico libertário acontece na Sociedade União Operária após 1924 (LONER, 1999, p.215-219). Norma Corrêa não encontrou os principais periódicos libertários de Rio Grande, os jornais “O Nosso Verbo” e “Cultura Proletária”, e o “Centro de Cultura Racional Veritas” (de orientação ácrata). Ainda destacamos um artigo de nossa autoria, propondo uma introdução para o estudo da educação libertária em Rio Grande, que está publicada na Revista Didática Sistêmica da FURG (2007).

Justificamos este estudo no fato de que cabe à História da Educação no Rio Grande do Sul aumentar sua colaboração para essa discussão, ampliando o estudo da educação libertária para além da capital do Estado. Citando Elomar Tambara, é importante “[...] resgatar o perigo potencial que os projetos populares acarretavam aos interesses da classe dominante” (1995, p.395).

Portanto, será importante, para esse estudo, a produção intelectual desses trabalhadores sobre educação, encontrando-se, na imprensa, uma das principais fontes para essa reflexão, nos utilizamos do jornal O Nosso Verbo (NV). Cabe acrescentar que esse jornal não é a única fonte para uma História da Educação Popular de Rio Grande,

também existindo outras fontes, como as atas da “Sociedade União Operária” e os jornais “O Echo Operário” e “Cultura Proletária”.

Desde já, esclarecemos que não temos a pretensão de esgotar a contenda, mas, sim, de contribuir para a História da Educação. Para tanto, apoiaremos-nos em uma leitura crítica da fonte, colocando possibilidades e limitações.

PRODUÇÃO DOS TRABALHADORES, UMA PRODUÇÃO IDEOLÓGICA

Sim, afirmamos que a produção dos trabalhadores é, sim, uma produção ideológica, assim como toda produção humana, inclusive a própria historiografia, conforme afirmam Michel de Certeau (1982, 70), entre outros teóricos. Não entendemos ideologia dentro do que Silvio Gallo coloca como “concepção clássica marxista”, isso é, como falseamento da realidade (GALLO, 1995a, 65), mas como uma maneira de ver o mundo, uma cosmovisão.

Este discurso ideológico produzido sobre a educação, em um dado espaço de tempo, é o tema da nossa abordagem. Não só o discurso em si, mas como chegou até nós, o que levou a ser conservado frente a outros discursos que não tiveram a mesma sorte.

Nesse sentido, destacamos a produção dos trabalhadores, não de forma individual, mas sempre agregados a alguma associação operária. Para tanto, observamos os discursos reproduzidos em seus impressos para o público.

Aqui, já se faz importante discutir a diferenciação da intencionalidade dos registros. Os discursos dos apontamentos de reunião das associações operárias e de suas atividades têm a função de prestação de contas para com os seus sócios.

Já os jornais operários têm, conforme coloca Eliana Xerri, um caráter doutrinador (1996, p.91), o que é assumido pelo informativo aqui estudado, contendo, no seu número 14, uma coluna denominada “Doutrinando” (05/01/1921, p.1). Mesmo assim, em alguns momentos, também trazem matérias informativas. Porém, tais fontes se mostram bastantes reveladoras no que tange ao pensamento pedagógico e ao que se quer transmitir aos trabalhadores. As referidas questões serão demonstradas, mais especificamente, nos momentos seguintes do artigo.

Portanto, perguntaremos-nos: Quais as prioridades de registros que encontramos em tais fontes? Quais as intenções dos registros?

A IMPRENSA OPERÁRIA

Concordamos com Jorge Jardim que, não só os periódicos operários e partidários que estão do âmbito ideológico, mas também a grande imprensa, dita isenta, “não supera a posição de classe de outros órgãos de imprensa” (JARDIM, 1996, p.29). Como já foi mencionado, a imprensa operária tem uma orientação que vai além da informação, e passa mais para a formação de seus leitores. Está visível que a imprensa operária não é apenas um veículo entre sindicatos e trabalhadores, mas, sim, “uma instituição do movimento operário” (SILVA JÚNIOR, 1995, p.46).

Grifamos que o jornal operário não é apenas uma fonte para averiguarmos as ações educativas do operariado, mas, sim, ele por si só, é um meio formador, a educação em amplo sentido. Desde já, explicitamos que o jornal que, aqui, será estudado, o jornal O Nosso Verbo, não se diferencia em nada dessas prerrogativas.

O NOSSO VERBO

Destacamos que o jornal O Nosso Verbo é em tamanho aproximado ao papel carta, com variações nesse tamanho. É impresso em papel jornal, tendo poucos gráficos. Adiciona-se a isso que a quantidade de páginas deste informativo é inconstante, variando de duas (NV, 9/5/1919; 08/5/1921) a seis páginas (24/11/1920; 01/5/1921). Porém, a maior parte das edições às quais tivemos acesso possuem quatro páginas. O referido jornal foi produzido na cidade de Rio Grande, no período aproximado de 1919 a 1921. Sua periodicidade era incerta, apesar de que, em seu 6º exemplar, após sua ausência por três meses, se propôs ser um informativo quinzenal (NV, 12/01/1920, p.1), ainda se indicando como tal no seu 23º número (19/5/1921, p.4). Todavia, comprovamos não se efetivar com constância, tendo em vista que, entre os dois exemplares supracitados, o segundo deveria estar no 38º exemplar, caso se mantivesse essa temporalidade. Entretanto, afirmamos que, em curtos espaços de tempo, ele se mantinha quinzenal, considerando algumas sequências que conhecemos dessa série incompleta, como do número 21 ao 24. Mas nem todos os exemplares deste boletim foram encontrados.

Os exemplares encontrados estão, em sua maioria, na Biblioteca Riograndense, em Rio Grande/RS, e, em menor quantidade, no Centro de Documentação e Memória da Universidade Estadual de São Paulo, em São Paulo/SP. O impresso referido não sai do padrão dos demais jornais operários, como “folhas sem periodicidade ou número de páginas

definidas, feitas por não profissionais, mas por militantes [...], impressas em pequenas oficinas, no formato permitido pelo papel e máquinas disponíveis” (LUCA, 2005, p.119).

A conservação de tal acervo é uma sorte, tendo claro que o Brasil passou por duas ditaduras em que se sabe que eram eliminados tudo que representasse uma ameaça eminente, mesmo que de maneira remota, ao governo vigente¹. Contudo, destacamos a intencionalidade de alguns militantes brasileiros em conservar esses arquivos, concomitantemente foi criado o *Archivio Storico del Movimento Operário Brasileiro*², na década de 1970, para o qual eram doados arquivos desses militantes e outros documentos que eram enviados do Brasil para o exterior, com o intuito de evitar que esses se perdessem. Para tanto, foi cedido em Milão um espaço físico para a estada desses documentos na Europa. “Após 17 anos no exílio o acervo retorna ao Brasil passando a ser propriedade do Instituto Astrojildo Pereira. Em agosto de 1994 a UNESP o recebe sob custódia e passa a ser seu fiel depositário” (CENTRO, 08/7/2008, http://www.cedem.unesp.br/acervos/acervo_asmob.htm). A importância desse acervo é reconhecida por Tânia de Luca, pela variedade de dados deste corpo documental (2005, p.119). Já os números existentes na Biblioteca Riograndense³, cogitamos que tenham se conservado devido a um descuido com o possível material subversivo existente em tal entidade ou com a valorização que tal instituição contava junto à comunidade.

Acrescentamos que o informativo citado é um jornal anarquista, se apresentando como um órgão da “União Geral dos Trabalhadores” até o seu 6º exemplar (NV, 12/01/1920) e, a partir do 10º número desse informativo, o encontramos como órgão da “Federação Operária”⁴, fundada dia 5 de abril de 1920 (NV, 16/9/1920, p.1). Tal passagem leva-nos a acreditar que isso não passa de uma mudança de nome da mesma associação. Outro aspecto peculiar do jornal é o fato de que, a partir do 23º exemplar, foi abolido o calendário cristão, passando de 1921, no número 22 (NV, 08/5/1921), e foi adotada a data do 4º Ano da Revolução Social no exemplar seguinte (19/5/1921⁵), fazendo uma alusão à Revolução Russa, em caráter de marco de posição, ou seja,

¹ Nos referimos à Ditadura de Getúlio Vargas da década de 1930 e à Ditadura Militar de 1964-1989. Frisamos os inúmeros anarquistas perseguidos durante essas ditaduras, dos quais destacaremos dois. Frederico Kniestedt (1874-1947) foi preso diversas vezes durante o governo de Vargas (MARÇAL, 1995, p.93). Outro exemplo é Venâncio Pastorini Sobrinho (1885-1966), preso durante o Golpe de 1964 (*Ibidem*, p.138).

² Os números disponíveis deste jornal no Centro de Documentação e Memória da Unesp são: 3, de 09/5/1919; 5, de 01/10/1919; 10, de 16/6/1920; e 32, de 27/11/1921.

³ Os números disponíveis deste jornal na Biblioteca Rio-grandense são: 5, de 01/10/1919; 6, de 12/01/1920; 12, de 16/9/1920; 13, de 24/11/1920; 14, de 05/01/1921; 18, 15/6/1921; 21, de 01/5/1921; 22, de 08/5/1921; 23, de 19/5/1921; e 24, de 01/6/1921.

⁴ Não há notícia sobre a conservação de exemplares entre o 6 e o 10 desse informativo.

⁵ Não utilizaremos 4º Ano da Revolução Social, para facilitar a compreensão do leitor, entendendo que se refere ao 4º Ano. Após a Revolução Russa, usaremos a data de 1921.

é a efervescência de uma esperança social na revolução e de sua inevitabilidade que já começa a despontar.

Ainda é importante colocarmos que importantes líderes libertários escreveram para esse jornal, como José Oiticica e Zenon de Almeida. Zenon merece um comentário à parte, pois só aparece em uma matéria com esse nome, escrevendo outras matérias sob o seu pseudônimo que, conforme afirma Kniestedt, era Spartacus do Sul (1990, p.114).

No conteúdo dos números disponíveis desse jornal, encontramos vários artigos referentes a informações sobre o movimento dos trabalhadores de Rio Grande, do Brasil e do Mundo. Esses textos não atraem nosso cuidado, pois procuramos, nesse informativo, os processos educativos. Porém, atento que isso dá uma ideia de pertencimento aos trabalhadores de fazerem parte de um projeto universal.

Destacamos que, em todos os exemplares, aparecem textos que exaltam, declaradamente, as lutas populares e que denunciam o governo municipal ou estadual, assim como a burguesia, usando formas conotativas para tal intento. Ora se compara o então presidente da província do Rio Grande do Sul, Borges de Medeiros, à águia que come o fígado de Prometeu, o povo (NV, 9/5/1919, p.1), denunciando o comitismo. Ora conclama-se a “batalhar pela emancipação econômica e moral da Humanidade” (NV, 08/5/1921, p.1). Nota-se, no material, um caráter erudito, usando, figurativamente, mitos para colocar a questão da exploração social e a necessidade de mudanças sociais. Essa forma ilustrada provavelmente leva os trabalhadores a, no mínimo, uma curiosidade e reflexão frente às leituras, despertando a necessidade de se apropriar dessa erudição. Portanto, vemos o caráter formativo da imprensa operária.

Outra questão que nos parece importante citar é que, conforme Edgar Rodrigues, poucos operários sabiam ler (1992, p.48). Devido a tal fato, ocorriam leituras públicas desses jornais pelos militantes que sabiam ler para os demais (GALLO; MORAES, 2005, p.91). Por este motivo, foi priorizada, nacionalmente, a implementação das escolas operárias junto à implantação dos sindicatos e da imprensa, conforme resolução do 1º Congresso Operário Brasileiro, de 1906 (*Ibidem*, p.92).

É possível notar que a União Geral dos Trabalhadores e, posteriormente, a Federação Operária convergem com movimento operário brasileiro, inclusive, até conclamam em seus estatutos, publicado no jornal O Nosso Verbo (01/10/1919, p.3; 16/9/1920, p.1), como consta em seu 4º artigo, que é objetivo da União Geral dos Trabalhadores a “manutenção de uma biblioteca e uma escola racionalista diurna e noturna quando tal for possível” e o mesmo

é colocado no 2º artigo da Federação Operária. Outra questão que a União Geral dos Trabalhadores apoia, no seu estatuto, é qualquer greve que defenda melhoramento da higiene, questão que parece vital para os anarquistas, principalmente dentro da escola, conforme podemos ver em Francisco Ferrer⁶, mentor das propostas de Escolas Racionalistas ou Modernas, que dedica um capítulo de seu livro *A Escuela Moderna* à higiene escolar (27/03/2005, http://www.antorcha.net/biblioteca_virtual/pedagogia/escuelamoderna/7.html). Ainda se referindo a Ferrer, no estatuto da Federação Operária, em seu 25º artigo, reconhece juntamente com o 1º de maio, o “dia 13 de outubro, dia em que caiu o corpo do companheiro Francisco Ferrer”, como dia de protesto. O nome de Francisco Ferrer é frequentemente citado neste jornal (12/01/1920, p.1; 19/5/1921, p.1). Além disso, no mesmo estatuto, podemos observar, no 1º artigo, o comprometimento da associação em “promover o levantamento moral e intelectual dos trabalhadores” (16/9/1920, p.1).

Porém, é possível notarem-se algumas divergências com o mesmo Ferrer, pois não coloca a questão da coeducação de classes, tão defendida pelo educador espanhol (27/03/2005, http://www.antorcha.net/biblioteca_virtual/pedagogia/escuelamoderna/6.html). Contrariando tal princípio, essa organização coloca que é direito dos sócios utilizar a escola, mas só quem pode ser sócio são operários assalariados (NV, 01/10/1919, p.3-4).

Percebe-se, nessa fonte, um atrito com um padre, Zenon de Almeida, que defendia uma das propostas educacionais anarquistas, “a instrução integral, custeando a *in totum* até os 18 anos” (NV, 01/10/1919, p.2), que são diversas vezes reproduzidas em outros exemplares do mesmo órgão (12/01/1920, p.2). No mesmo texto de Zenon, ele denuncia o estupro de crianças em internatos católicos.

O mesmo informativo coloca as frequentes conferências realizadas pela UGT e, posteriormente, pela Federação Operária. No exemplar de 12 janeiro de 1920, anuncia uma conferência a ser ministrada pela tesoureira da Liga Operária de Pelotas, Amélia Gomes, em um domingo (p.4), remetendo-nos às conferências dominicais propagadas por Francisco Ferrer (27/03/2005, http://www.antorcha.net/biblioteca_virtual/pedagogia/escuelamoderna/12.html).

Também foram anunciadas, nesse jornal, quatro conferências, sendo uma delas ministradas por Libero Alto Mar, tratando-se sobre a inexistência de Deus; outras duas, por Tácito Ferreira, uma palestra sobre o sindicalismo e outra sobre a situação da Rússia;

⁶ Francisco Ferrer é um espanhol considerado um marcante pedagogo que funda a Escola Moderna ou Racionalista, com inspiração e apoio dos anarquistas espanhóis e é se torna grande inspiração para as propostas pedagógicas anarquistas em todo mundo (CORRÊA, 1987, p.42).

e uma de Cidálio Pinheiro Lemos, que foi secretário geral da União Geral dos Trabalhadores, sobre anarquismo (16/9/1920, p.3). No número 18 do mesmo informativo, encontra-se a transcrição de uma exposição, na qual se fizeram frequente acusações contra a burguesia e o Estado, denunciando a oficialidade como contadora de mentiras (19/3/1921, p.2). É inquestionável o caráter pregador dessas palestras.

É anunciada, no número 12, a criação do Centro Internacional de Cultura Racionalista Verita. Tal centro é citado como “um punhado de moços animosos e estudiosos” que procuram retirar Rio Grande das trevas. Nesse mesmo exemplar, coloca-se a importância “de tomar de iniciativas próprias mormente no campo da educação, problema mais vivo e palpitante que se faz maiormente sentir”, acrescentando que “censurar, invectivar, blasfemar contra isto ou aquilo não basta, organizar-se em sindicatos, fazer greve, proclamar mais ordenado não chega, é preciso compreender e saber”. Nesse ponto, percebe-se a importância dada pelos anarquistas rio-grandinos à educação, que converge com a importância que é dada internacionalmente (16/9/1920, p.3). Neste sentido, o Centro Racionalista teve por fim “promover e difundir os modernos princípios de emancipação moral e social, é de cultivar a mais alta idealidade humana, mediante conferências histórica científica, ‘Lições instrutivas’ e ‘Leitura explicativas de desvulgarização científica e sociológica” (16/9/1920, p.4). Para tanto, o Centro Racionalista possui uma biblioteca, assim como pretende organizar uma mesa de leituras. Ainda apelaram para a “mocidade operária que mais carece de instrução e esclarecimento”. Também é interessante sublinhar que tal centro se diz isento de qualquer partido ou organização econômica e tem por único fim a educação.

Através deste impresso, podemos observar que o Centro Racionalista tem relações com outros grupos, por exemplo, com o grupo do Livre Pensamento de São Paulo (24/11/1920, p.5) e ainda ofereciam para venda textos, incluindo o texto “Como se deve educar”, do anarquista francês Sebastian Faure⁷. Também podemos notar que ele exige contribuição de seus sócios (19/5/1921, p.3), o que não é condenado por vários pensadores anarquistas e da educação libertária, como Pierre Joseph Proudhon e Ferrer. Ferrer coloca visivelmente que:

Eu poderia ter fundado uma escola gratuita, mas uma escola para crianças pobres não pode ser uma escola racional, porque se não fossem ensinar credulidade e submissão, como nas escolas antigas, haver-se-ia necessariamente inclinado

⁷ Esse pensador destacou-se entre outras coisas, pela experiência pedagógica em “*La Ruche*”, uma experiência ocorrida na França de 1904 a 1917 (CORRÊA, 1987, p.40-41; GALLO, 1995b, p.127).

a rebelião, tinha surgido espontaneamente sentimentos de ódio.⁸ (27/03/2005, http://www.antorcha.net/biblioteca_virtual/pedagogia/escuelamoderna/6.html)

Este mesmo informativo mostra apoio ao modelo bolchevique de educação, citando a adoção de uma educação baseada no desenvolvimento por faixa etária, adotado na Rússia. O periódico faz apologia ao conteúdo ministrado na Rússia sem “o catecismo, a história guerreira e os patrióticos” (24/11/1920, p.5).

Ainda traz notícias de escolas operárias de outros estados. Citamos a carta de José Alves, que menciona uma série de associações operárias norte-rio-grandenses que mantêm escolas operárias nesta província, colocando a esperança “que daqui alguns anos, todo o ensino e secundário estarão monopolizados pelos operários” (19/3/1921, p.4). Isso demonstra uma pretensão que, provavelmente, era a mesma dos anarquistas rio-grandinos. Por outro lado, será que esse monopólio seria fruto de uma leitura mais atenciosa aos ensinamentos de Ferrer no que condiz coeducação das classes?

O jornal ainda coloca uma concepção de educação, citando M. Pierrot que:

[...] é no sindicato que os operários se educam moralmente, essa educação obtêm-se pelo exemplo e contágio que do exemplo nasce, aprendem, animam-se a não curvar a frente, a não ter medo. Todos os dias as greves põem em prática a solidariedade e a revolta, e é por isso que as greves, ainda parciais e conseguindo apenas modificações imediatas, insignificantes, se nos antolham úteis e necessárias, para a educação da solidariedade e da revolta (01/5/1921, p.5).

Na mesma matéria assinada por Spartaco, pseudônimo de Zenon, conclama as trabalhadoras a aderirem ao Centro Racionalista, chamando-as a tomar exemplo das tecedeiras, na fundação de um sindicato (01/5/1921, p.5).

Também, demonstra o papel formativo da imprensa operária no periódico citado, a publicação de textos de anarquistas clássicos, de renome internacional como o fragmento “Desordem e Anarquia”, escrito por Piotr Kropotkin⁹, na qual ele fala da desordem como momento de passagem, momento revolucionário para chegar à anarquia. Além disso, discutem conceitos básicos da luta sindical como sabotagem e boicote (01/5/1921, p.6).

No número 24 desse periódico, é publicado, na primeira página, o texto do professor José Oiticica, um notório anarquista brasileiro, professor e poeta (PRADO, 2000). No texto, que ocupa quase duas páginas, Oiticica escreveu sobre a necessidade das lutas dos trabalhadores irem além da mera questão salarial e de horas de trabalho. Oiticica atenta que houve “um núcleo libertador cujas aspirações era elevar a vida humana pelo elevamento

⁸ Livre tradução dos autores.

⁹ Piotr Kropotkin (1842-1917) é um anarquista russo, de origem nobre, que adere ao anarquismo. Também é um geógrafo reconhecido (CORRÊA, 1987, p.25-26).

da inteligência e do sentimento coletivo”, “erguer a multidão ignara, a besta humana rude à condição de ser pensante e sensível”. O anarquista brasileiro traz que, além da penúria econômica que os trabalhadores sofrem, ainda há a penúria intelectual. Para ele, essa elevação intelectual é uma libertação, assim como podemos ver em outros anarquistas como Proudhon e Bakunin (VARGAS, 2007b, p.90-96). Oiticica alerta quanto à questão de Auguste Comte e seus discípulos, que viam a problemática da especialização do ensino, pois queriam “o ensino integral, o desenvolvimento intelectual completo”, mas ficavam nisso. Para Oiticica, a questão iria adiante. Apoiado em outros autores, como Ernest Renan e José Enrique Rodó, o ensino menos especializado seria uma forma de harmonizar a existência entre os homens. O professor complementa dizendo que os trabalhadores querem não só melhorar o salário e reduzir as horas de serviço, melhorar o corpo de forma a ficarem sadios, alargar a sua inteligência e conhecer o mundo e as leis que o regem, mas também valorizar a liberdade moral, de fazer escolhas (NV, 01/6/1921, p.1-2).

Podemos ainda verificar a importância dada à educação expressada nas páginas desse informativo. Em um texto publicado neste jornal, um operário coloca: “não disponho do preparo necessário para fazer da pena uma arma de combate contra essa sociedade hipócrita”. Apesar de dizer isso, esse operário mostra, no decorrer do texto, alguns conhecimentos de história, citando Nero e Ferrer, além de mostrar um vocabulário refinado e habilidade com as palavras. Todavia, o importante, aqui, é destacar a importância dada ao conhecimento e, neste sentido, o autor do texto coloca que era “obrigado a empunhar a ferramenta produtiva na idade que devia cursar as aulas” (19/5/1921, p.1).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Testemunhamos que o jornal O Nosso Verbo não diverge dos demais modelos de jornais operários brasileiros, caracterizando-se pela variação de periodicidade e tamanho. Mas também se caracteriza pelo caráter ideológico formativo da imprensa operária e anarquista.

Contudo, ressaltamos, através desse jornal, a importância dada pelos anarquistas à educação, através das frequentes queixas sobre a ignorância que abate a classe trabalhadora rio-grandina. Assim como observamos as diversas intenções e tentativas de se criar instituições educativas nesta cidade para os trabalhadores e seus filhos com a finalidade de germinar consciência de classe.

Durante o período de circulação desse jornal, em que não foi noticiada a criação de uma escola, observamos a criação do Centro de Racionalista Veritas. Nesse centro, apesar de certa dificuldade, funcionou, por algum tempo, formando os trabalhadores.

Testemunhamos em O Nosso Verbo algumas concepções dos anarquistas rio-grandinos sobre a educação. Apesar de características próprias, divergentes dos tratados de educação libertária existentes, mostram-se, em linhas gerais, afinados com o discurso internacional.

Tecemos, no presente artigo, o estudo nessa fonte inédita e rica para a História da Educação, que se mostrou bastante frutífera, merecendo maior apreço por parte daqueles que estudam a História da Educação Popular e Libertária no Rio Grande do Sul. Tal jornal, se utilizado e aliado às outras fontes, ajudará na criação desse mosaico que é a História.

FONTES

Biblioteca Riograndense: Jornal: “O Nosso Verbo”.

Centro de Documentação e Memória/UNESP: Jornal: “O Nosso Verbo”

Fontes Publicadas: FERRER Y GUARDIA, Francisco. **La Escuela Moderna**. Disponível em: http://www.antorcha.net/biblioteca_virtual/pedagogia/escuelamoderna/caratula.html. Acessado em: 27/03/2005.

REFERÊNCIAS

BARROS, José d’Assunção. **O Projeto de Pesquisa em História:** da Escolha do Tema ao Quadro Teórico. Petrópolis: Vozes, 2005.

CENTRO de Documentação e Memória da Unesp. **ASMOB – Archivo Storico Del Movimento Operaio Brasileiro**. Disponível em: <http://www.cedem.unesp.br/acervos/acervo_asmob.htm>. Acessado em: 08/7/2008.

CERTAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CORRÊA, Norma Elisabeth. **Os Libertários e a Educação no Rio Grande do Sul (1895-1926)**. Dissertação (Mestrado em Educação), UFRGS, Porto Alegre: 1987.

GALLO, Silvio. **Educação Anarquista:** Um paradigma para hoje. Piracicaba: Ed. Unimep, 1995a.

_____. **Pedagogia do Risco:** Experiências Anarquistas em Educação. Campinas: Papirus, 1995b.

_____; MORAES, José. Anarquismo e educação. In: BASTOS, Maria Helena Câmara & STEPHANOU, Maria. **Histórias e Memórias da Educação no Brasil**, v. III: Século XX. Petrópolis/RJ: Ed. Vozes, 2005.

GALVÃO, Ana Maria; LOPES, Eliane. **História da Educação**. Rio de Janeiro: Ed. DP&A, 2001.

JARDIM, Jorge Luiz. Imprensa operária: comunicação e organização. In: **Estudos Ibero-Americanos**. Porto Alegre: PUCRS, v. 22, n. 2, p. 27-40, dez. 1996.

KNIESTEDT, Friedrich. **Memórias de um imigrante anarquista** (Editado por René Gertz). Porto Alegre: EST, 1989.

LONER, Beatriz Ana. **Classe Operária: Mobilização e Organização em Pelotas: 1888-1937**. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFRGS, Porto Alegre: 1999. 2 vol.

- LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezzi. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 111-153.
- MARÇAL, João Batista. **Os anarquistas no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EU/Porto Alegre, 1995.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 2ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- PRADO, Antonio Arnoni. Elucubrações dramáticas do professor Oiticica. In: **Estudos Avançados**. São Paulo: USP, v. 14, n. 40, 2000. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142000000300021&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 03/8/2008.
- RODRIGUES, Edgar. **Quem tem medo do anarquismo?** Rio de Janeiro: Achiamé, 1992.
- SILVA JUNIOR, Adhemar Lourenço. Confederação Operária Brasileira e o Rio Grande do Sul (1913-1915). In: **Logos**. Canoas: Ulbra, v. 7, n. 1, p. 45-54. jan./jun. 1995.
- TAMBARA, Elomar. **Positivismo e Educação: A educação no Rio Grande do Sul sob o Castilhismo**. Pelotas: Ed. Universitária/UFPEL, 1995.
- VARGAS, Francisco. Exórdio para o Estudo da Pedagogia Libertária em Rio Grande. In: **Didática Sistemica**. Rio Grande: FURG, p. 81-106, jul./dez. 2007. Disponível em: <http://www.redisys.furg.br/edicoes/vol6/art7v6.pdf>. Acesso em: 04/03/2008.
- XERRI, Eliana Gasparini. Uma Incursão às Fontes do Movimento Operário de Rio Grande no Início do Século XX. In: **Estudos Ibero-Americanos**. Porto Alegre: PUCRS, v. 22, n. 2, p. 91-110, dez. 1996.